

O SERELEPE: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM O JORNAL NA ESCOLA

Fágnor de Oliveira SANTOS
Fagner.uepb@gmail.com
Marcelo Medeiros da SILVA (Orientador) – UEPB
marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho é fruto de nossas ações exercidas como docente de Língua Portuguesa e professor-supervisor do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, campus VI, na Escola Estadual José Leite de Souza.

Há muitos anos, entre os professores da escola, havia a ideia de colocar em circulação um jornal escolar. Por diversos motivos, o projeto de se criar um veículo de divulgação local e globalizado a fim de incentivar a produção de textos nos diversos gêneros sociais e midiáticos foi adiado. Este ano de 2014, contudo, a ideia nos fora apresentada. Conscientes da relevância de um projeto dessa natureza, o qual oferece condições dos alunos repensarem o uso da leitura e escrita, em um contexto prático, a partir de produções feitas *pelos* e *para* os alunos, iniciamos, com suporte dos bolsistas do PIBID, os trabalhos para a realização do tão sonhado jornal.

Desde o início, entendemos que, conforme disserta Maria Alice Faria (2009), a presença de um jornal no ambiente escolar, além de estimular e desenvolver a capacidade de leitura crítica do alunado, também proporciona um aprofundamento das análises dos textos produzidos pelos próprios participantes do processo de ensino-aprendizado. Nos alunos, o gosto para desenvolver essas atividades facilmente culminará na tão almejada transformação das práticas sociais para o exercício da cidadania que o projeto político-pedagógico da escola em questão promulga; no professor, como formador de leitores críticos e cidadãos ativos, a presença do jornal na sala de aula se justifica porque se a leitura do jornal for bem conduzida, prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade.

De acordo com estudos realizados por Faraco (1984), a maioria dos estudantes brasileiros apresenta grande dificuldade de expressão oral e, sobretudo, escrita, sendo muitas vezes incapazes de dar sentidos aos textos. O autor menciona

ainda que estudantes vivem em um mundo quase sem palavras, esvaziados de ideias, com isso perdem a capacidade de pensar.

Para Smith (1999), essa condição desastrosa acontece porque o estudante brasileiro habitua-se tão somente em ler decodificando e não consegue entender o significado. A prática da leitura não se reduz somente aos aspectos técnicos, mas que o leitor compreenda os diferentes sentidos do texto de forma crítica e criativa. Esta, justamente, é a grande dificuldade dos nossos alunos.

Sendo assim, resolveu-se, junto com o apoio do PIBID, realizar um conjunto de ações tendo como objetivo principal, produzir, junto de toda a comunidade escolar, um jornal que pudesse apresentar um conjunto dos mais variados conteúdos, preenchendo plenamente seu papel de objeto de comunicação, sendo fonte primária de informação e entretenimento, espelhando valores e se tornando, assim, um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e escolar, já que se sabe que a leitura é um processo amplo e que ler não é unicamente interpretar os símbolos gráficos, mas interpretar o mundo em que vivemos.

Considerando o exposto, o presente trabalho traz um pouco da nossa experiência atuando à frente do Jornal Escolar *O Serelepe*. Pretendeu-se desenvolver ações que estimulassem a capacidade de leitura crítica dos alunos envolvidos, proporcionando um aprofundamento das análises dos textos produzidos, bem como sua conscientização acerca das diferentes posturas ideológicas frente a um fato, fazendo com ele possa tomar posições fundamentadas e aprender a respeitar os diferentes pontos de vista necessários ao pluralismo numa sociedade democrática.

Metodologia

As atividades realizadas em parceria do o PIBID foram previamente elaboradas por meio da preparação de uma sequência didática que orientou o desenvolvimento do jornal feito na escola. Inicialmente, procuramos fazer um levantamento, por meio de conversas e debates em sala de aula, sobre o conhecimento prévio que cada turma tinha acerca do tema, para que então pudessemos trabalhar e refletir sobre o suporte jornal: finalidades, organização, modos de circulação, cadernos e suas respectivas temáticas, etc.

Separados em pequenos grupos, distribuimos exemplares de diferentes tipos de jornais com os alunos. Identificando a variedade de gêneros e explorando os tipos de temáticas veiculadas, traçando assim o perfil de cada jornal, bem como as diferentes características (considerando fatores como preço, ideologia do jornal, público-alvo, dentre outros aspectos) de cada periódico apresentado. Em seguida, a partir de estudos pelo livro didático, observamos capítulos distintos, que tratavam de gêneros textuais da esfera jornalística.

Observando, nesta etapa da sequência didática, o interesse dos alunos quanto ao que estava sendo trabalhado, sugeriu-se que cada aluno, escolhendo o tema e o gênero textual que mais se identificasse, produzisse um texto para compor um jornal. Sendo a ideia prontamente aceita, sugeriu-se a confecção de um jornal escolar, feito com as melhores produções feitas pelos alunos, a partir de debates acerca dos possíveis temas que poderiam ser trabalhados.

Posteriormente, nas reuniões de planejamento da escola, a proposta foi exposta para os demais professores, das diversas áreas de conhecimento. A proposta recebeu aceitação imediata de todo corpo docente e da direção escolar, tornando-se de fato um projeto interdisciplinar, passando a contar com a participação de todo corpo docente, tanto incentivando os alunos, como também no que se refere a produção de material para compor as seções do nosso periódico. Para tanto, foi disponibilizado para alunos e professores uma tabela com as seções e, ao lado, sugestões de gêneros textuais que poderiam ser escritos para cada caderno.

Seguindo nossos trabalhos, fizemos, junto aos alunos, a eleição para escolher o nome do jornal. “**O serelepe**” – que segundo o dicionário Houaiss designa aquilo “que ou aquele que é esperto, vivo, buliçoso” ou “que ou aquele que é faceiro, gracioso, atraente” – foi o nome escolhido pelos alunos. Como o nome também pode tratar de um esquilo florestal, encontrado na Amazônia e no Leste do Brasil, um mascote também foi criado para compor a primeira capa do jornal, junto ao nome.

A diagramação do jornal foi, sem dúvida, a parte mais complexa de todo o processo de produção. Uma vez que ninguém da escola tinha experiência, tanto na atividade em questão como no manejo com o software usado para tal, demoramos cerca de duas semanas para finalizar o modelo que usaríamos na construção do

jornal. Tendo um número satisfatório de textos, concluímos todo o processo de editoração fechando a primeira edição com 12 páginas, sendo a capa a última a ser feita.

Finalizados os trabalhos, levamos o jornal para ser impresso na gráfica. Além do suporte no que se refere a execução das ações da sequência didática e revisão dos textos, o PIBID proporcionou uma grande ajuda quanto a impressão dos exemplares do jornal. Junto das cópias feitas pela escola, com verba própria advinda, conseguimos, no lançamento do jornal, distribuir um total de 250 exemplares. O evento de lançamento ocorreu no dia 12 de agosto, pela manhã, e teve a participação de todas turmas envolvidas no projeto, assim como representantes das demais turmas.

Resultados e discussão

Observando os dados obtidos ao final da primeira fase do projeto, conseguimos fazer uma significativa reflexão acerca de vários aspectos da produção do jornal. O primeiro ponto a ser observado é o nível de empenho dos alunos. Nas quatro turmas de 2º ano do Ensino Médio que trabalhamos, dos 93 alunos que compõem as turmas envolvidas, mais de 60% entregou, no prazo estabelecido, algum tipo de material para compor o jornal da escola, o que demonstra comprometimento da maioria dos alunos.

Outro dado importante de se observar refere-se à quantidade de alunos que se comprometeram a colaborar com a seleção e organização de cada seção do jornal. Percebeu-se que as colunas que mais chamaram a atenção dos alunos foram aquelas que tratam de assuntos relacionados ao tema *Esporte e Variedades*, cujos temas variam entre Televisão, Internet, Cinema, Literatura, Eventos, Dicas de Moda, dentre outros.

A partir da quantidade de alunos responsáveis por cada seção, é possível entender por que, dos 58 textos entregues, os gêneros textuais mais produzidos foram *Entrevistas* em especial com atletas da escola e/ou professores de Educação Física; e *Resumos*, geralmente de filmes românticos ou adaptados e obras infanto-juvenis.

No final dessa primeira etapa, tendo em vista os dados apresentados nos gráficos mostrados nas páginas anteriores, foi possível traçar o interesse dos alunos no que se refere a temas e gêneros textuais a serem produzidos. A partir disso, pudemos (re)planejar algumas ações a serem tomadas na segunda fase do projeto, como por exemplo, atividades que estimulassem os alunos a produzir textos para compor as seções “Geral”, “Cidade”, “Escola” e “Educação e Cultura”, que até então não atraíram muito a atenção dos alunos.

CONCLUSÃO

Tendo alcançado nossos primeiros objetivos iniciais, a ação mais importante, ao concluir todas as etapas, foi justamente trabalhar o jornal em sala de aula. Além de ser uma excelente fonte de informação, conhecimento e entretenimento, o jornal provou-se um fantástico instrumento pedagógico, principalmente na área dos estudos da língua/linguagem.

Pode-se destacar, como primeiro resultado deste projeto, o aumento do interesse dos alunos pela leitura e a produção de textos, algo facilmente observado nos gestos de participação, força de vontade e mudança de comportamento dos estudantes, que se mostraram mais responsáveis, comprometidos com a qualidade do que foi escrito, e frequência e na entrega das atividades produzidas em sala de aula ou fora dela.

Com o jornal em sala de aula, conseguimos fazer diversas atividades de leitura e análise textual, seja das matérias em suas respectivas versões finais, impressas no jornal, seja das versões preliminares, expostas em aulas. Além de diversos exercícios de reescrita, o jornal possibilitou uma melhor reflexão sobre várias questões, como por exemplo: os sujeitos produtores e receptores de textos e suas respectivas responsabilidades, a função e influências.

Referências Bibliográficas

FARACO, C. A. As sete pragas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: Leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA Jr, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **O jornal na sala de aula**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Como usar o jornal na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3.ed. trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artmed, 1999.